O retrato de Venus e estudos de historia litterária

Almeida Garrett, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Visconde de

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O retrato de Venus e estudos de historia litterária

Almeida Garrett, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Visconde de

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA-GARRETT

XXI

O RETRATO DE VENUS

E

ESTUDOS DE HISTORIA LITTERARIA

OBRAS LITTERARIAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

THEATRO:

TOMO I--Catão.

» II--Merope, Gil Vicente.

» III--Frei Luiz de Sousa.

» IV--D. Philippa de Vilhena.

» V--A Sobrinha do Marquez, As prophecias do

Bandarra, Um noivado no Dáfundo.

» VI--O Alfageme de Santarem.

VERSOS:

Camões.

D. Branca.

Lyrica.

Fabula, Folhas cahidas.

Flores sem fructo.

Romanceiro, 3 vol.

O Retrato de Venus.

PROSA:

Viagens na minha terra, 2 vol.

O Arco de Sanct'Anna, 2 vol.

Portugal na Balança da Europa.

Da Educação.

Helena (romance).

Discursos parlamentares e Memorias biographicas.

Escriptos diversos.

O RETRATO DE VENUS

E

ESTUDOS DE HISTORIA LITTERARIA

PELO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

Terceira edição

PORTO

Ernesto Chardron, Editor

1884

PORTO: 1884--TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

O RETRATO DE VENUS

ADVERTENCIA

_Fui sempre muito pouco amigo de dar satisfações. Porém ésta minha repugnancia não é filha de presumpção, nem de orgulho. De todo o meu coração o digo, e todos os que me conhecem, o sabem. Nascem da persuasão, em que estou, de que a justificação d'uma cousa está na maneira por que essa cousa se faz. E applicando ésta generalidade ás composições litterarias, cada vez me convenço mais que os prologos, prefacios, avisos a leitores, etc. nada fazem, nem fizeram, nem farão nunca ao conceito que da obra se fórma.

E principio foi este, por que na faxada do meu poema não puz tal ceremonia. Revendo-o porem agora, examinando este_ ENSAIO, _e conhecendo-lhe infindos defeitos, que me tinham escapado; sendo-me impossivel emenda-los; resolvo-me a dar =satisfação=; não para pretender justifica-los, e salvar-me da crítica com subtilezas, e argucias; mas para fazer confissão pública d'elles.

Se me é licito porem dizer duas palavras em meu abono, direi que tanto o poema, como as notas, e ensaio são da minha infancia poetica; são compostos na idade de dezasette annos. Isto não é impostura: sobejas pessoas ha hi, que m'o viram começar, e acabar então. É certo que desde esse tempo ategora, em que conto quasi vinte e dous, por tres vezes o tenho corrigido; e até submettido á censura de pessoas doutas, e de conhecida philologia, como foi o Excellentissimo Senhor =S. Luiz=, que me honrou a mim, e a este opusculo com suas correcções. Mas todos estes cuidados não puderam (emquanto a mim) tirar-lhe o vicio do nascimento.

Eis aqui a minha confissão geral. Os que me absolverem ficar-lhes-hei muito obrigado; os que não quizerem, paciencia; não me mato por isso. Comecei esta obrinha por desenfado: acabei-a por divertimento: publico-a por amor das artes: se me criticarem, rio-me, e não fico mal com ninguem._

O RETRATO DE VENUS

POEMA

.... while it pursues Things unnattempted yet in prose, or rhyme.

MILT. _Parad. loste_: book I. V. 15.

CANTO PRIMEIRO

Doce mãe do universo, ó Natureza,
Alma origem do ser, germe da vida,
Tu, que matizas de verdor mimoso
Na estação do prazer o monte, o prado,
E á voz fagueira de celeste gôso
De multimodos entes reproduzes
A variada existencia, e lh'a prolongas;
Que, no fluido immenso legislando,
Libras sem conto ponderosos mundos,
Que na ellipse invariavel rotam fixos,
Ó alma do universo, ó Natureza,
Teus sacros penetraes em vôo ardido
Busco, rasgo-lhe o véo, prescruto, e vejo
Insondaveis mysterios: puro, e simples
Nunca ouvidas canções na lyra entôo.
Nua d'enfeites vãos a face amena
Tu volve ao mundo, que te ignora errado.
Qual és, qual foste, qual te apura os mimos
A arte engenhosa, tu lhe amostra e ensina.

Como é dado aos mortaes bellezas tuas
C'o divino pincel, co'as magas tintas
Estremar com primor, colher-lhe o bejo,
Sem donosas ficções meu canto ensine.

Ficções!... E aureas ficções desdenha o sabio?
A douta, a mestra antiguidade o diga.
Não; fabula gentil, volve a meus versos;
Orna-me a lyra c'os festões de rosas,
Que ás margens colhes da Castalia pura:
Flores, que outr'ora de Epicuro ao vate
C'o austero assumpto lhe entrançaste amenas,
Essas no canto me desparze agora.

Venus, Venus gentil! Mais doce, e meigo
Soa este nome, ó Natureza augusta.
Amores, graças, revoae-lhe emtorno,
Cingi-lhe a zona, que enfeitiça os olhos;
Que inflamma os corações, que as almas rende.
Vem, ó Cypria formosa, oh! vem do Olympo,
Vem c'um mago surrir, c'um terno bejo
Fazer-me vate, endeusar-me a lyra.

E quanto pódes c'um surriso, ó Venus!
Jove, que empunhe o temeroso raio;
Neptuno as ondas tempestuoso agite;
Torvo Sumano desenfreie as furias...
Se dos olhos gentis, dos labios meigos
Desprender um surriso a Idalia deusa,
Rendido é Jove, o mar, o Averno, o Olympo.

Mas quanto é bello, é grato o vencimento,
Se á dor suave do pungir fagueiro,
Da ferida se encontra amigo balsamo,
E nos olhos da linda vencedora

Do ardimento o perdão brando se accolhe!
Tu, Marte, o dize, o Cyprio moço, o Teucro;
E vós, que ousais na terra imitar numes,
Que do summo prazer rompendo arcanos,
N’um momento gosais da eternidade.

Emquanto nas lidadas officinas,
Forjando o raio vingador dos numes,
Vive o coxo marido sem receios,
Ja deslembrado da traidora rede;
Do Cynireo mancebo entre os abraços,
Jaz a espôsa gentil ennamorada.
Nas languidas pupillas lhe transluze
O prazer divinal, que a opprime, e anceia;
Nos inflammados bejos, nas caricias,
No palpitar do seio voluptuoso,
No lascivo apertar dos braços niveos,
Nos olhos, em que a luz quasi se extingue,
Na interrompida voz, que balbucia,
Nos derradeiros ais, que desfalecem...
Quem do prazer não reconhece a deusa
No excesso do prazer quasi espirando?
Surri-lhe ao lado o filho de travesso,
E d’entre o myrtho as candidas pombinhas
C’o estremecido arrulho a dona imitam.

Ah! se o gôsto supremo a um deus não peja,
Porquê mesquinhas leis nos vedam barbaras
Tam suave pecar, doce delicto,

Antes virtude, que natura ensina!
Dest’arte as breves horas decorriam
Aos alheados, férvidos amantes;
E vezes tres rotára o disco argenteo
Trivia gentil, semque no Olympo, ou Lemnos
A espôsa de Vulcano apparecesse.
Ja na etherea mansão vagos juizos
Maliciosos forma a inveja, a intriga;
E surriso maligno ás deusas todas,
Do marido infeliz excita o fado.

Em zelosa vingança affana e freme
O despeitoso Marte; corre, voa,
E em busca da infiel vagueia o mundo.
Coxeando o segue o malfadado espôso,
Dos antigos errores esquecido:
Tal é, paixão zelosa, o teu imperio!

Eis do somno d’amor espavoridos,
Os dous amantes c’o ruido accordam.
De pavor esmorece o joven timido;
Por elle anceia a carinhosa amante,
Descuidosa de si; geme, soluça.
E do amado na dor, sua dor recresce.
Que fará?... vacillante... Adonis... Marte...
O espôso... Ideias, que alma lhe confundem!
Com o amante ficar, morrer com elle?
Defender com seu peito o peito amado?
E salval-o é possivel d’esta sorte?

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com